

RUBEM BRAGA

## COMER

Não é de hoje que eu conheço o sr. Gustavo Capanema — e qualquer pessoa que o conhece tem varios motivos para admirar-o. Não pretendo contar o que elle tem feito de bom no Ministerio da Educação. Não falta, neste paiz, pelo menos hoje em dia, quem conte e cante os feitos officiaes — de modo que minha voz é perfeitamente dispensavel no côro. Deixando de lado os elogios que eu, sinceramente, poderia fazer, prefiro lembrar uma attitude do sr. Capanema que me parêceu lamentavel. Foi quando, chamado a se pronunciar entre dois rumos de ensino, elle se pronunciou pelo peor. Tratava-se de saber — explicando a coisa em grosso — si a nossa mocidade devia dedicar mais tempo ás sciencias modernas ou ao estudo de latim, grego e outras coisas do genero. O sr. Capanema, um pouco por mineirismo intellectual (o mineirismo intellectual tem altas qualidades e profundos defeitos) um pouco por respeito a clericalões retrogradados, escolheu o segundo caminho.

Acho uma bella coisa a cultura classica e inclusive lamento não possuil-a. Mas vivemos em um paiz tão incipiente, tão vasto e confuso, tão propenso a equívocos monstruosos e charlatanismos fataes que o mais urgente me parece “ensinar coisas”. Creio que nossa mocidade fará melhor sabendo em que proporção o cobre, o estanho e o zinco entram em determinado bronze do que sabendo que “vera incessu patuit dea” são palavras de Virgilio com referencia a Venus. Não nego, por exemplo, a utilidade do latim. Tudo nesta vida tem a sua utilidade. Mas o tempo gasto no estudo das declinações me parece um desperdício criminoso em um paiz onde 99 por cento dos rapazes que sahem de um gymnasio são incapazes de dizer para que serve a bauxita. Assim produzimos gente capaz de dizer exactamente como eram preparados os tijolos para a escripta cuneiforme e capazes tambem de acreditar si lhes disserem que o papel moderno da imprensa é fabricado com clara de ovo de rouxinol.

Eu pelo menos sahi do gymnasio com uma bella pronuncia latina, mas sem saber pronunciar correctamente o artigo inguez “the”. Sabia até fazer alguns trocadilhos em latim, mas não sabia quaes eram as peças essenciaes de um motor de automovel. E' exacto que não pôde ser estimavel um exaggero do pratico, do immediatista, do util. Mas si é preciso escolher entre o estudo da retho-

rica e o estudo das bobinas, leve o diabo a rethorica e salve, salve as bobinas. Podemos passar mais algum tempo sem philosophos subtis, “cracks” da especulação metaphysica. Mas o brasileiro tem tantas tarefas concretas a realizar que chega a ser ridiculo fazel-o perder tempo ensinando-o a dansar valsa nos espaços inter-sideraes da ideia pura.

Outro equívoco igualmente sério foi de nossas reformas do ensino primario. Com louvavel esforço e bella ousadia começamos lá pelas alturas de 1928 ou 29 a introduzir methodos modernos de ensino — como fez em Minas o sr. Francisco Campos. Esses methodos iam sendo adaptados na medida do possivel. Fez-se grandes coisas, inclusive muita coisa util e muito exaggero. Mas emquanto as professoras se perdiam em subtis analyses da psychologia infantil, ninguem reparava que a creança não podia aprender direito por methodo nenhum. A creança não necessitava de Decroly nem de Montessori: necessitava antes de tudo de... comida. Os “tests” investigavam suas tendencias, seu nivel mental, investigavam tudo: menos o seu estomago.

Ora, não ha rendimento intellectual bom com estomago vasio. A tarefa urgente era e é a alimentação da creança. Antes de lhe metterem no craneo o ABC — mettam alguma coisa no seu estomago. Si eu vou a uma conferencia sobre litteratura regional às 8 da noite, sem jantar, tudo o que o conferencista disser me parecerá vasio e exasperante — e só me animarei quando elle falar em churrasco. Foi esse o grande factor objectivo que se esqueceu quando se cuidou de educar melhor a creança brasileira: a fome chronica da maior parte dos escolares brasileiros.

A campanha que a secretaria da Educação está iniciando em prol da sopa escolar é profundamente sensata. “Primum vivere, deinde philosophari” — diziam os antigos — zombando antecipadamente dos que hoje sepreocupem mais com elles que comsigo mesmo. Primeiro comer, depois aprender. Primeiro dar de comer depois ensinar. O pão do espirito produz azia na alma quando falta no estomago o pão de padaria. Reconheçamos esta verdade que Aristoteles não nos ensina, mas que é facil de verificar: vivemos em um paiz de sub-alimentados. Alimentemos bem as creanças e o povo. Meditemos um pouco nesta coisa simples, dolorosa, mas concreta: o brasileiro precisa comer!